

## **Notas e Comentários**

# Cultura e Linguagem

*Alroino B. Eble (\*)*

Sabe-se que através do estudo da linguagem se alcança uma filosofia das formas simbólicas. Quem está habituado a perceber os processos mentais antropológicos dirigidos para a linguagem percebe o quão sutilmente se revelam as sintaxes fundamentais da organização de mundo de qualquer cultura. Toda sociedade humana requer uma linguagem onde possa registrar suas experiências. Estas experiências são mantidas e transmitidas de geração em geração por meio dos mecanismos lingüísticos, já que nenhuma informação cultural reside no código genético. Daí ser a linguagem um universal absoluto sobre o qual os homens têm depositado suas impressões de mundo. Cassirer (1972:174) nos mostra como “toda linguagem é metafórica” e como nela reside toda a força do mito que se constitui em outra fundamentalidade do aparelho psíquico humano. O escorrimento paralelo de mito e linguagem tem sido uma constante em Derrida (1967), Cassirer (1972b), Eliade (1972) e tantos outros. Paulatinamente, a supremacia do logos se impõe à simples função mágico-animista dos rituais de todos os seres humanos organizados em sociedade.

A realidade da relação dos nomes e das coisas tem sido objeto de inúmeras problematizações científicas e filosóficas. O aparato explicativo para um tal fenômeno tem sido uma parafernália infernal e horríveis monstruosidades teóricas foram apresentadas para dar conta desta realidade.

Cassirer (1972a: 182) conclui enfaticamente que é a Antropologia e não a Metafísica, que desempenha o papel principal na teoria da linguagem. Sabemos, repetidamente que não basta ligar a fala humana a certos fatos biológicos ou psicolinguisticamente infantis. Firth (1974:20) alerta para o fato de que muitos antropólogos se lançam ao estudo da sociedade ocidental contemporânea através de estudos da linguagem. Estes estudos tem-se revelado possíveis somente na medida em que se realiza uma etnografia dos textos. Esta linguagem tabernacular nos vem, como

---

\* Professor do Departamento de Ciências Sociais, da UFSC.

princípio cultural, dos hebreus, e é aí que devemos exercer a decodificação da cultura. Para descrever uma linguagem não precisamos de nenhum conhecimento histórico; e verdadeiramente, a semiologia pode prescindir da história. É isso que ocorreu na decodificação do alfabeto ocidental, em curso proferido, na UFSC, pelo autor deste artigo, em 1980, intitulado *O Código das Letras*, cuja metodologia está em artigo publicado no Boletim de Ciências Sociais da UFSC (EBLE, 1981).

Mas, o objetivo maior deste artigo é demonstrar e justificar o papel que a Antropologia tem no estudo da linguagem pertinente a qualquer cultura. Se considerarmos a cultura ocidental também como objeto antropológico, verificaremos que a linguagem e as línguas ocidentais são de grande importância nos processos descritivos e analíticos que procuram revelar as formas e os conteúdos significativos. Se a cultura é composta da rede de signos, então no ocidente cabe percebermos uma rede de signos lingüísticos. E se fizermos um rebatimento incisivo destes signos lingüísticos numa esfera de poder, teremos aí uma série de disjunções explicativas de ordem constituída na “*weltanschauung*” ocidental. O fato de que os Estados Modernos mantiveram a linguagem antiga através da escrita linear alfabetica é sintomático de uma etiologia de poder que a escrita representa e mantém até nossos dias atuais. Só uma Antropologia que exerce sínteses conectivas entre linguagem e poder, poderá revelar as imbricações objetivas nas relações sociais ocidentais mantidas através de um sistema de comunicação que tem a linguagem como base fundamental.

Eble (1982: no prelo) mostra como já Foucault, Deleuze, Chauí e outros se baseiam no fato de que a escrita precede a fala, demonstrando que não é bem, ou só a lingüística que encontrará as razões fundamentais de nossa estrutura simbólica.

Parece-nos, desta forma, que seria mera tautologia e truismo desejarmos neste artigo mostrar como, pela linguagem, se alcança o todo cultural, e como a Antropologia tem a seu encargo decodificações importantes neste terreno. Na linguagem temos o uso livre e consumado do simbolismo, o registro do pensar conceitual articulado. Sem a linguagem parece não existir nada semelhante ao pensamento explícito. Keesing (1961:551) registra que “a linguagem é uma forma do comportamento aprendido e, assim, é reconhecida pelos antropólogos como um aspecto da cultura”. Destarte, é preciso incrementar a metodologia antropológica com novos recursos para liberar o famoso problema da

origem e estruturação da linguagem de tal forma a garantir revelações científicamente controláveis acerca dos processos que moldaram nossa própria cultura ocidental contemporânea. Se estivermos avisados dos recursos semiológicos apresentados pela Antropologia contemporânea, poderemos rebater a oposição ingênua e obscura de que a Antropologia nada tem a ver com o estudo da linguagem. Pelo contrário, justamente a lingüística é que vem perdendo as condições de estudo desta realidade, uma vez provada a posteridade da vocalização em relação à escrita anteriormente produzida por regimes despóticos. Se relegarmos as sonoridades impressivas a um segundo plano e retomarmos a escritura significante como base fundamental para nossas interpretações culturais, iremos mais fundo na realidade dos homens ocidentalizados pela palavra. Lévi-Straus (1967:317) já nos alertou que “no nível da observação, a regra principal poder-se-ia mesmo dizer a única — é que todos os fatos devem ser exatamente observados e descritos, sem permitir que os preconceitos teóricos alterem sua natureza e sua importância”.

Gostaríamos de discutir aqui o fato de que se reorientarmos as perspectivas analíticas da linguagem e da cultura ocidentais não estaremos só propondo uma revisão da lingüística, mas também da psicanálise que muito tem a ver com a emergência de palavras. Com tais renovações metodológicas é que a Antropologia alcança a realização cabal do que tantas vezes é chamado de desmistificação e dessacralização da linguagem. Resultam daí, também, contribuições relevantes para o Direito Comparado bem como, para a compreensão do poder mágico que as palavras têm sobre os homens. A Lei desmentida certamente provocaria uma nova história para uma sociedade cansada de se comportar por causas misteriosas e relegadas ao tempo e espaço míticos, onde e quando se estruturaram os rituais fundamentais do cotidiano ocidental. Ademais, a inversão de valores metodológicos na tarefa de compreender nossa cultura provocaria necessariamente a demolição acelerada de uma metafísica em ruínas, já desde 1789.

É certo, sem dúvida, que novas fulgurâncias iluminarão a realidade dos homens quando tivermos domínio de atitudes controláveis. Hymes (1966:185) coloca como característica dominante da Antropologia Lingüística da segunda metade de nosso século “a investigação da integração (em oposição a autonomia) das estruturas lingüísticas no contexto social...” e “enquanto é tarefa da Lingüística coordenar o conhecimento

mento da linguagem do ponto de vista da linguagem, é tarefa da Antropologia coordenar o conhecimento da linguagem do ponto de vista do homem”.

Ocorre que vivenciamos realmente uma inquietação da linguagem, que é a própria inquietação da Antropologia. Os tropismos e desvios diacrônicos da linguagem desaparecerão sob a luz da centelha antropológica, no momento em que o homem se libertar do jugo a que é submetido pelo poder do verbo messiânico. Mas, ao que percebemos, o projeto antropológico não se coaduna com o projeto metafísico se é que aí existe algum projeto, pois se na Antropologia a maior verdade é a mudança, na Metafísica é a estatística. O projeto, pelo menos, de pensar a totalidade no sentido do humanamente apreensível, será realizado somente ao se pensar e apreender o gramaticado pela linguagem. A gramática é a totalidade. O mundo torna-se o grama, na medida em que o homem se torna o diagrama. E na esfera da representação cabe a confecção do ideograma perfeito que ainda não foi produzido a não ser pela Metafísica fixatriz do Fim Último.

Se o homem é o sem começo e sem fim, não lhe resta nesta continuidade outra adequação senão a que lhe é paralela, a escritura linear infinita. O homem foi subjugado pela rede das palavras e só se libertará mediante a destruição delas, mas então não haverá mais homens. O destino do homem é o destino da linguagem. O homem não passa de mero destinatário. A forma como pensamos está perfeitamente enca-deada com a forma pela qual falamos, e a forma como falamos depende de nossa leitura do mundo. Esta leitura não está acabada.

Para Geertz (1973:14) o escopo da Antropologia é o alargamento do universo do discurso humano. Na medida em que o homem realiza uma leitura do mundo através de impressões retiradas de sua experiência resultará uma profunda crítica inferencial da linguagem o que implica um melhor conhecimento do próprio homem a partir da própria linguagem. Qual pode ser a contribuição do estudo da linguagem para nossa compreensão da natureza humana? (CHOMSKI, 1968:11). A linguagem é o traço. E é o traço que se inscreve na superfície do neurônio a cada repetição do ritual do discurso. A perscrutação do futuro pelo homem só é concebível na medida em que o traço descriptivo da linguagem prosseguir. Este prosseguimento precisa ser acompanhado para que o homem possa traçar seu caminho. O homem irá para onde o levar sua linguagem.

Em nosso caso este acompanhamento é possível somente na linearidade da escrita. Portanto, é sobre este fenômeno que se realiza uma antropologia que faz a crítica do traço. E isto é Semiologia. E isto é Antropologia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica*. Ensaio sobre o homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1972.
- \_\_\_\_\_. Linguagem e Mito. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1972.
- CHAUÍ, Marilena. *Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo* (Espinosa, Voltaire, Merleau-Ponty). São Paulo, Ed. Brasilense, 1981.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1971.
- EBLE, Alroino B. O código das Letras (Por uma crítica à economia do alfabeto). In: *Boletim de Ciências Sociais* da UFSC, Nº 22, 1981, p. 12.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre signos, poder e linguagem. In: *Travessia*, Revista da Literatura Brasileira, vol. nº 4, 1982. No prelo.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1972.
- FIRTH, Raymond. *Elementos da organização social*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1974.
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas. Lisboa, Martins Fontes, 1966.
- GEERTZ, Clifford. *The interpretation of cultures*. New York, Basic Books, Inc., Publ., 1973.
- HYMES, Dell H. Uma perspectiva para a Antropologia Lingüística. In: TAX, Sol. (org.) *Panorama da Antropologia*. Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1966.
- KEESING, Felix M. *Antropologia Cultural*. Vol. 2. Rio de Janeiro. Ed. Fundo de Cultura, 1961.
- LÉVIS Strauss, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.